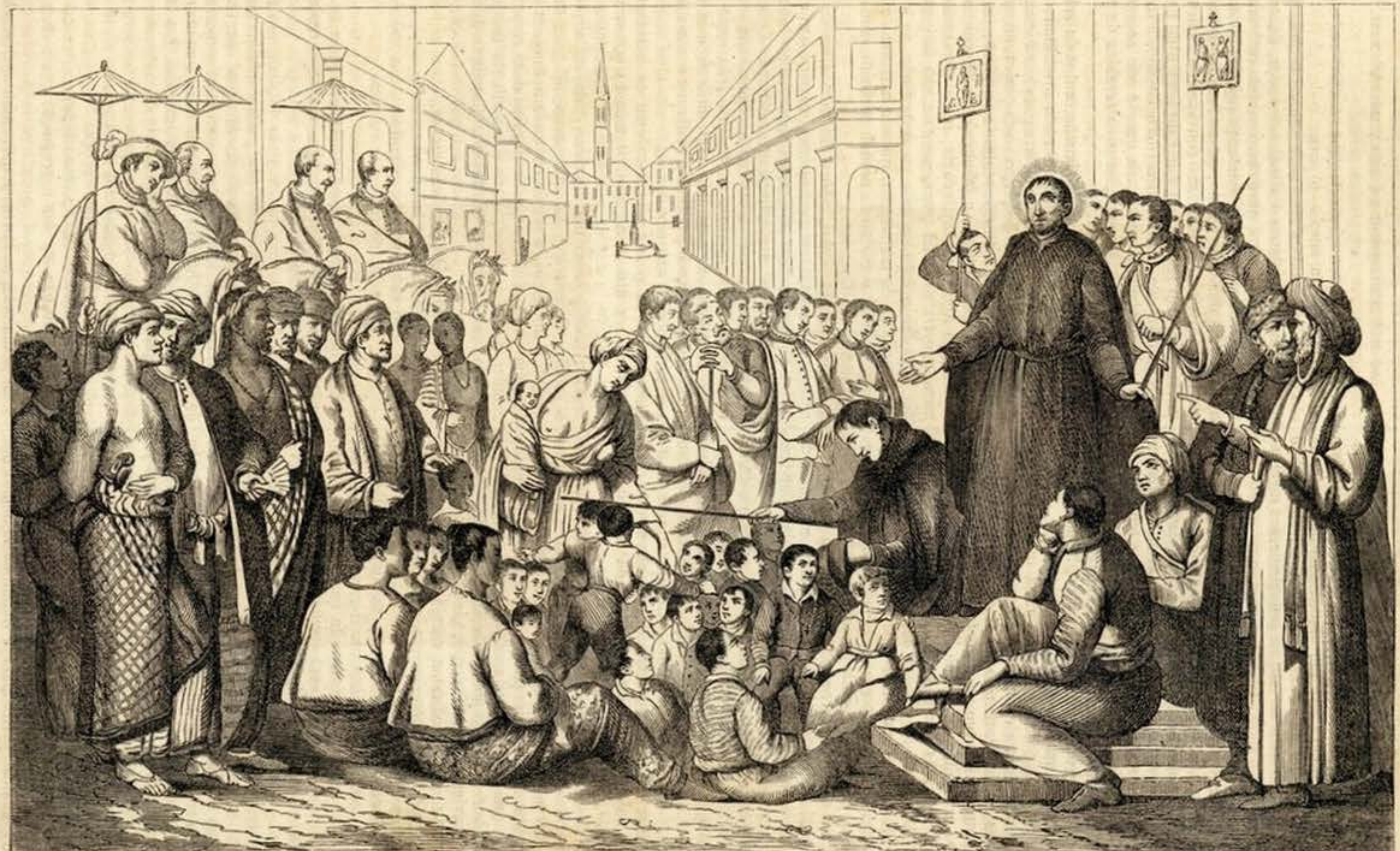

S. Francisco Xavier ensinando a doutrina christã no Malabar.—Quadro de André Reinoso, pintor portuguez do seculo XVII

S. FRANCISCO XAVIER NO MALABAR

Na descripção que fizemos [1] da egreja de S. Roque, mencionámos já os quadros que estão na sacristia, representando diversos passos da vida de S. Francisco Xavier. Um d'elles é o que hoje damos fielmente desenhado e bem gravado, figurando o zeloso apostolo das Indias no acto de ensinar a doutrina aos meninos do Malabar.

O santo Xavier, acompanhado de outro sacerdote, como era uso dos padres da Companhia, está sobre um estrado, na praça publica, doutrinando a mocidade. Rodeia-o attento a multidão, que, pelos trajos, côr e physionomia, se conhece ser das differentes nações que no seculo XVI iam commerciar áquella provincia do Indostão.

N'este quadro está representado com exacção o modo por que os jesuitas ensinavam a doutrina, tanto em Lisboa como nas missões ultramarinas.

Saíam dois padres, levando cada um d'elles uma campainha e uma canna muito comprida na mão (os jesuitas nunca usaram de palmatoria). Precediam-n'os os doutrinandos com uma bandeira, chamada *da doutrina*, á similhança da que ainda usa a irmandade da Misericordia. Ás bocas das ruas tocavam a campainha para chamar os meninos á doutrina. Depois de os terem juntado, levavam-n'os diante de si a alguma praça ou terreiro, e ahi começavam a ensinar-lhes a cartilha.

Se os rapazes não estavam quietos e attentos, lá ia a canna dar-lhes um *carolo*. Na estampa vemos dois rapazitos em pé a brigarem, e o padre coadjutor de S. Francisco Xavier com a canna estendida a dar-lhes um *coque* para os aquietar.

Esta scena repetia-se muitas vezes, como é natural. O padre Balthazar Telles, chronista da Companhia, fallando das doutrinas que fazia nas praças de Lisboa o padre mestre Ignacio (o auctor da cartilha), diz que a principio tivera elle grande trabalho e difficuldade de juntar os meninos, leval-os em ordem pelas ruas, tel-os quietos e calados no tempo da doutrina, *por ser gado muito mau de governar.*

Comtudo, os jesuitas foram sempre muito affaveis e pacientes no ensino da mocidade, ainda a mais rustica dos sertões da America; e não consta que usassem para com as crianças das brutalidades que ainda hoje commettem muitos mestres de meninos.

Attribue-se este e outros quadros da vida de S. Francisco Xavier a André Reinoso, pintor portuguez do seculo XVII, que na mesma egreja de S. Roque tem paineis de maior merecimento, segundo a opinião do sr. conde A. Raczynski [2].

A composição é de mestre; as figuras estão mui bem grupadas e distribuidas. É geral a attenção dos ouvintes, e natural a distracção que se nota no rapazio. As physionomias, com ser tantas e de varias castas, tem individualidade de expressão. O colorido é de boa eschola, e o desenho em geral correcto. Felizmente, nenhum d'estes quadros está repintado. As figuras tem de 30 a 45 centimetros de altura; o quadro tem $1^m,55$ de largo, e $0^m,93$ de alto.

Das assombrosas missões do apostolo das Indias ha muitos quadros, e um maravilhoso de Lebrun, que está no Louvre, e outr'ora foi do noviciado dos jesuitas de Paris.

Não nos consta que do assumpto haja outros em Lisboa, mais que estes da sacristia de S. Roque, attribuidos a Reinoso, contemporaneo de Lebrun.

Ha entre elles um que representa a audiencia de despedida que el-rei D. João III deu a S. Francisco Xavier quando partiu para a India. Dal-o-hemos opportunamente.

A. DA SILVA TULLIO.

[1] Vol. VII, pag. 305, 320, 382.
[2] *Les arts en Portugal*, pag. 289.

A' POESIA NOS CAMPOS

(AO MEU AMIGO JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL)

Peço licença para apresentar aos seus leitores o primeiro poeta d'esta terra — o povo.

Conheci-o a fundo n'estes dois ultimos verões, quer como espectador attento dos *bailes de rodas*, dançados ao domingo no terreiro, quer como ouvinte enthusiasta das *desgarradas á viola*, cantadas pelas calmosas e apaixonadas noites de agosto, quando o murmurio dos riachos e o ciciar das brisas convidam o espirito á melancolia, e o coração ao amor do bom e do bello.

Os campos são, desde Theocrito e Virgilio, a inspiração da verdadeira poesia, da que se não amaneira presumida na adolescencia, nem se arrebica de postiças e mentirosas galas.

O homem do arado e da charrua, antes da sciencia lhe ter poupado o suor do rosto inventando novos instrumentos agrarios e aperfeiçoando os antigos, era, nem podia deixar de ser, o poeta por excellencia, como quem recebia directamente da natureza, com o instincto do sentimento, a faculdade da admiração.

O sol, o Apollo da mythologia, ergue-se com o homem que trabalha na terra, alenta-o nas fadigas do dia, lega-lhe o fogo sagrado ao despedir-se, ás horas saudosissimas do crepusculo, quando a criança adormece sorrindo, e o sino da ermida povôa de saudades o remanso das florestas.

O actor então, crê-o, não é inferior ás scenas da natureza. Incisiva sem pedantismo, satyrica sem maldade, plangente sem affectação, a poesia no homem do campo é quasi a sua linguagem natural. O que na cidade se lima e pule n'uma prosa trabalhada e diffusa, dil-o de improviso e cantando o feliz requestador da ceifeira, devolve-lh'o ella melhorado n'uma trova singela, recendendo aos melhores e mais suaves perfumes da campina.

No campo a poesia alarga-se com os horisontes. Antes de ser arte é coração. O amante amuado, a noiva trahida, a esposa antes de ser mãe, todos tomam a poesia como um desabafo, todos se acolhem á sombra da *cantiga*. Linguagem que dá para tudo, porque é universal, a poesia nos campos tambem tem os seus philosophos, os seus desilludidos, como na cidade. A um ouvi eu, e era dos melhores trovistas do sitio, sair-se depois de instado, dizendo:

Não canto por bem cantar,
Nem por ter fallas de amante;
Só canto por dar o gosto
A quem me pede que eu cante.

Esta quadra era um remoque folhetinistico ás innumeras declarações amorosas que n'aquella tarde se tinham feito no *bailarico*.

A ceifa, a vindima, sobre tudo as descamisadas, são as epochas florescentes da poesia saloia; são o rapido mas glorioso reinado de Augusto das letras campesinas. Que intelligente e sorrateiro commercio de olhares! Que furtivos apertos de mão! Que magoados queixumes! Que temerarias perguntas! Que satyricas réplicas se não ouvem então!

Quando o sov'reiro der baga,
E o loureiro der cortiça,
Então te amarei, meu bem,
Se não me der a preguiça!

Ao desalmado, ao Lovelace que assim se descartava em pleno baile de rodas da pobre moçoila, que não via cá n'este mundo outro sol mais que o seu Manuel, ouvíra eu ainda no domingo anterior esta trova,

sobrescriptada aos magnificos olhos castanhos da sua bella.

Os olhos pretos são falsos,
Os azues são lisongeiros,
Os olhos *acastanhados*
São os leaes verdadeiros!

Pobre Maria! Conheci-a requestada pelos rapazes mais abastados da aldeia; vi-a, garbosa e esbelta, ser a primeira nas festas do logar; applaudi-a entre todas nas louçainhas do cirio; ouvi-a cantar depois, já pallida e desbotada:

D'encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De lucto o meu coração!

Dois mezes depois, pelo cair da folha, dormia, coitada, o derradeiro somno no cemiterio humilde da sua aldeia! Era sina dos teus, pobre Maria! Ainda Deus te poupou o veres cá na terra a tua irmã dilecta, a timida mas festiva Anninhas, regando de lagrimas o berço do filho adormecido, e cantando-lhe envergonhada:

Oh! chorae, olhos, chorae,
Que o chorar não é desprezo,
Tambem a Virgem chorou
Quando viu seu filho preso.

E depois continuar:

Quem tem meninos no berço
Por força lhe ha de cantar;
Quantas vezes canto eu
Com vontade de chorar!

É porque ella, como tu, tambem arrastava a sua cruz de martyrio cá na terra. A *mal casada* lhe chamavam, não que o peccado fosse d'ella, mas porque desacertára na escolha do marido, a quem eu lhe ouvíra pedir ingenuamente um anno antes:

Se fores domingo á missa,
Põe-te em parte que eu te veja;
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela egreja.

N'esta trova estava inteiro o coração de tua pobre irmã — a verdade e o amor!

Quem lhe diria a ella, ainda hontem noiva festejada, já hoje mãe abandonada, que a tristeza lh'a havia de trazer aquelle a quem cantára:

Se eu soubera que voando
Alcançava o que desejo,
Mandava fazer as azas,
Que as pennas são de sobejo!

Agora as unicas azas que a captivam são as do anjo que recolhidas as tem no berço, mas que ella teme levantem o vôo, e a deixem cá n'este mundo sósinha e sem conforto.

Mas deixemos as tristezas aldeãs, e voltemos ao terreiro a escutar mais desenfastiadas trovas, e mais engenhosos conceitos. Vêem além aquelle rapazote de jaleco de bombazina azul, cinta vermelha, e botões de oiro na goleira? É o primeiro dançador de fandango do logar, o primeiro versista do concelho, o primeiro copo do districto.

Ensarilha uma feira a pau, lavra com bois proprios, traz ao terço uma terra do fidalgo, e já foi dois annos mordomo da festa de Santo Antão, a mais pagã das festas do districto de Torres Vedras.

Oiçam-n'o, que traz de olho uma franga da freguezia, que vae mais vezes á *brincadeira* que ao confêsso, e que elle projecta estramalhar do rebanho do Senhor, como já o cura lhe exprobrára na ultima prédica domingueira.

A rapariga não é bonita, mas para o poeta não ha difficuldades: até na fealdade acha recursos com que justificar-se. Oiçam-n'o.

Entre pedras e pedrinhas
Nascem raminhos de salsa;
Pega-te á feia que é firme,
Deixa a bonita que é falsa.

A senhora Rosa (o nome e os espinhos são d'ella) percebe-o, e responde-lhe:

Quem disser que o amar custa
E' certo que nunca amou;
Eu amei e *fui amada*,
Nunca o amar me custou!

Animado por esta leviandade (talvez innocente), ahi vae como o nosso homem se tirou do apuro. É o desejo manifestando-se e desculpando-se nas ousadias de um sonho:

Esta noite sonhei eu
Um sonho bem atrevido,
Que tinha na minha cama
A fôrma do teu vestido.

Agora um véo sobre este lyrismo aldeão, e não sondemos a allegoria d'este sonho, nem como a senhora Rosa o interpretou.

O que parece fóra de duvida é não ter passado tão despercebida a petulancia do sonhador, que uma trigueirinha ciumenta, que andava na roda, lhe não retrucasse, fitando-o:

Se pensas que por ti morro
Ou por ti tenho paixão,
Nunca fui apaixonada
Da fruta que cae no chão.

Ferido assim no seu amor proprio, José dos Caracoes (esta era a alcunha do conquistador encartado do sitio) sacudiu a melena, tomou uns certos ares de pimpão que lhe eram habituaes, quando aos sabbados no mercado comprava ou vendia, e, pegando na palavra da rapariga, julgou envergonhal-a pela sua pouca alvura, unica pecha que com razão lhe podia pôr, cantando-lhe n'este sentido uma trova epigrammatica.

Ella porém, acceitando o desafio, respondeu-lhe como quem a fundo se conhecia pelo espelho:

Chamaste-me trigueirinha,
Eu não me escandalisei;
Trigueirinha é a pimenta,
E vae á mesa del-rei.

Arrependido de ter sido injusto com quem assim se despicava, ou antes não sabendo vencer o coração que o puxava para aquella a quem offendêra, José dos Caracoes poz de parte os fingimentos, e entendeu que devia fallar a verdade inteira, custasse o que custasse, ás victimas dos seus arteiros arrazoados:

Eu tenho cinco namoros,
Tres de manhã, dois de tarde,
A todos elles eu minto,
Só a ti fallo a verdade.

A impressão causada no auditorio feminino por esta rude e inesperada declaração não é facil descrever-se.

O fanfarrão que a fizera olhava em roda de si cauteloso, como esperando que algum irmão lhe pedisse contas do credito enxovalhado da irmã, mas ufano de si para si, por ver lagrimas de despeito em olhos que nunca até então tinham chorado!

No campo as musas são caprichosas como na cidade. Inflammam sorrindo o estro dos seus admiradores; e, as mais das vezes, só rigores lhe deixam para thema dos seus poeticos devaneios.

As *Ellas*, que o lyrismo piegas já tornou ridiculas nas salas, ainda não foram desthronadas na aldeia, nem o serão, em quanto a poesia serrana for comedida na hyperbole, e as aguas da Hypocrene saloia correrem sem pretenções a catadupas do Niagara.

Eu hei de amar uma pedra,
Deixar o teu coração;
Uma pedra não me deixa,
Deixas-me tu sem razão.

Em caso identico ao d'este desapontado amador, um poeta funebre teria esbravejado em estrophes dignas das furias. Ella contenta-se com uma ameaça concisa, resolve-se a *amar uma pedra*, mas nem por isso deixa de ficar em paz com o senso commum.

Querem ouvir um conceito digno de Lafontaine, que um moralista levaria vinte vezes á bigorna, e que saíu feito dos labios frescos e rosados de uma travêssa peccadora?

Á minha porta está lama,
Á tua fica um lameiro;
Quando fallares das outras
Olha para ti primeiro.

A franqueza d'este desforço não desmente a boa fama da sinceridade aldeã. Quem tem telhados de vidro não atira aos dos visinhos. Aqui o desaggravo subiu á altura da injuria, mas a harmonia restabeleceu-se entre as duas sarcasticas inimigas.

Que magnificos olhos pretos não tinha uma d'ellas! Com que sobeja razão um amador do genero lhe não cantára momentos antes:

Os olhos dos meus amores
São pretos, não tem maldade;
Hei de mandar fazer d'elles
Um painel da Piedade.

Como a rapariga lhe pegou na palavra foi assim:

Os meus olhos são dois pretos
Que me chegaram de fóra;
De lá me vieram livres,
Captivei-os eu agora!

Toda a prosa deslavada do *Secretario dos Amantes* nem de longe hombreia com esta correspondencia ao ar livre, que chega franca de porte ao seu destino, sem o auxiliar do compostellano ladino, nem a avara segurança da estampilha moderna. Um sorriso é o intermediario unico entre dois namorados campesinos.

É recostado ao varapau ferrado, Castalia e maça de Hercules do pretendente, que elle acompanha a trova com um olhar que diz mais a quem é dirigido, do que o prosaico sobrescripto de uma carta. É fiada na inviolabilidade d'este genero de correspondencia que a gente do campo diz ironicamente:

Esta carta vae sem porte
Remettida a quem quer bem;
Tem crime de mão cortada
Se n'ella bulir alguem.

Ou canta, alludindo poeticamente ao seu affecto, e a não saber traduzil-o de outro modo:

O papel em que te escrevo
Tiro-o da palma da mão;
A tinta sae-me dos olhos,
A *penna* do coração.

E digam ainda que o *calembourg* não é cultivado na aldeia! É, dá-se por lá fresco e viçoso como tudo que o orvalho da manhã rocia, que o sol alenta, e a brisa da tarde refrigera. O trocadilho (deixem traduzir assim o arrevezado *calembourg*), se o não utilisam no campo para *fazer espirito*, porque ha lá mais em que pensar, serve não poucas vezes de interprete a magoadas queixas.

Tenho um vestido de *pennas*,
Não m'o fez o alfaiate;
Eu o talhei ao meu corpo,
Eu o levei ao remate.

A tunica de Nésso não produziu de certo effeito mais violento no vencedor de Diomedes, que este pobre *vestido de pennas* na queixosa que por suas proprias mãos o talhára, sem desconfiar que em breve se lhe mudaria em cilicio!

(Continua) 176 L. A. PALMEIRIM.

FLORENÇA

PALACIO PITTI E JARDINS BOBOLI

Nos tempos em que a Etruria rivalisava com Roma em riqueza e poder, floresceia n'aquelle reino uma cidade chamada *Fesula*, cuja origem se escondia entre fabulosas tradições. Edificada no cume de alta montanha, gozava de uma situação importante para a sua defesa, porém muito desvantajosa para o seu desenvolvimento commercial, pois que a subida do monte era difficil e penosa.

Assim, ao passo que ia crescendo rapidamente em edificios e população, por effeito da fortaleza da sua posição, em uma epocha de odios e luctas sempre accesas entre romanos e etruscos, encontrava cada vez maiores obstaculos ao abastecimento de viveres. Repugnava aos vendedores subir tão longa e ingreme ladeira, achando prompta venda aos seus generos em mercados de facil accesso.

Lembraram-se então os habitantes de Fesula de crear um mercado em uma planicie que se estendia desde as faldas da montanha, que servia de alicerce á cidade, até ás margens do rio Arno. A idéa tornou-se obra, e, para maior commodidade e incentivo do commercio, que se aproveitaria da via fluvial, fundou-se o mercado junto ás margens do rio, não obstante ficar a perto de uma legoa de distancia de Fesula.

Corresponderam os resultados á idéa inicial. O mercado começou desde logo a ser muito concorrido do povo, de generos, mercadorias e gados. O incremento da concurrencia trouxe a necessidade das edificações, e tanto estas se multiplicaram, que em breve constituiram uma povoação permanente e importante pela sua industria. Tal é a origem de Florença. Esse mercado, fundado pelos fesulanos, é hoje a capital da Italia; e a antiga Fesula, que lhe deu o ser, absorvida ou eclipsada pela grandeza e esplendor da filha, é ao presente uma povoação pequena e decadente, com o nome de *Fiesole*.

Nascida do commercio, Florença medrou, cresceu, opulentou-se, e fez-se livre pelo poder da industria. Depois de atravessar muitas e variadissimas quadras da sua historia, que não vem agora para o nosso pro-

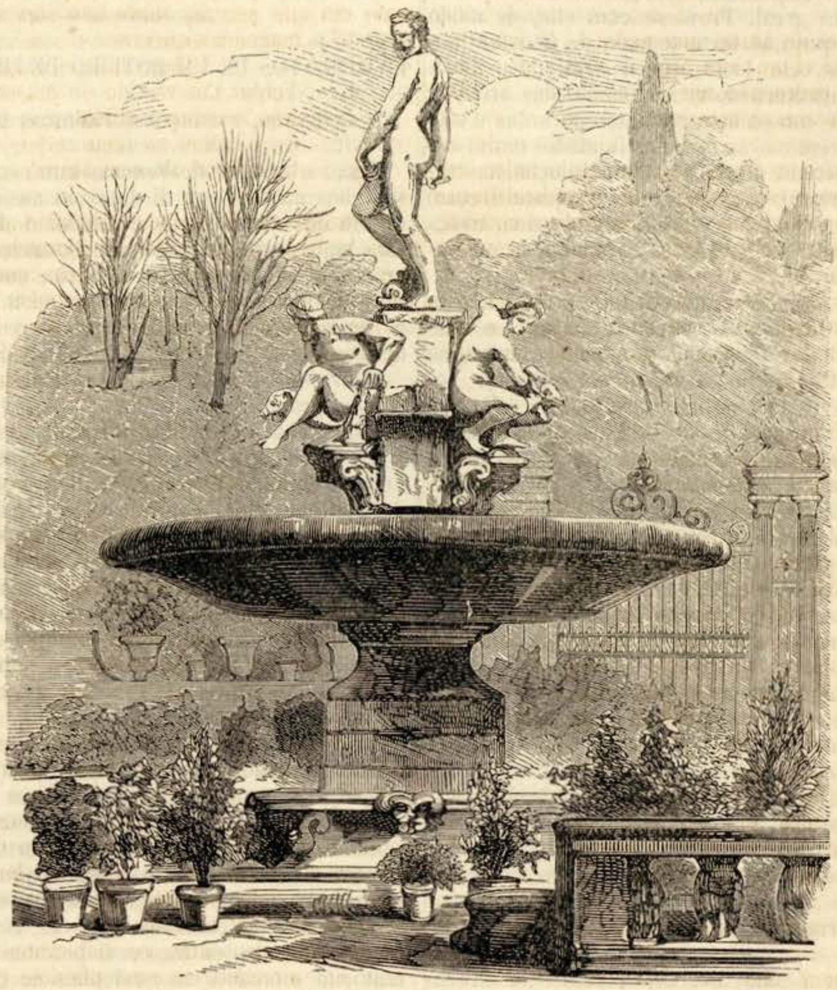
posito narrar, achou-se esta cidade, no seculo xv, convertida em theatro de porfiosas luctas entre os principios aristocratico e popular. Era então cabeça de uma republica. A familia de appellido Albizzi estava á frente do partido da nobreza; a familia Médicis representava e capitaneava o partido popular.

Á grande influencia que tinham no animo do povo, por effeito de mui distinctas qualidades de caracter e de genio, reuniram os Médicis a importancia que lhes provinha da sua muita riqueza, adquirida pelo commercio em trato de longos annos.

No meiado do seculo xv era chefe d'esta familia Cosme de Médicis, a quem o povo, cheio de amor e reconhecimento pelos seus bons serviços, deu o epitheto de *pae da patria*.

Por esse tempo vivia em Florença um homem chamado Lucas Pitti, filho do povo como os Médicis, e como estes enriquecido pelo commercio. A qualidade que mais sobresaía na sua alma era a inveja do favor publico e da elevação aos cargos da republica em que via Cosme de Médicis. A inveja levou-o, pois, a collocar-se ao lado dos seus inimigos, e a ser seu competidor nas aspirações ao poder e nos gozos da fortuna.

Animado de taes sentimentos, Pitti resolveu man-



Fonte do Oceano, nos jardins Boboli

dar construir um palacio para sua residencia, que offuscasse completamente o luxo e esplendor da habitação dos Médicis.

Começou-se a obra na cidade de Florença com tão vastas proporções, com tal grandiosidade e magnificencia, que mais parecia o paço de um poderoso monarcha que a residencia de um particular, de um simples negociante.

A inveja e a vaidade perderam Pitti, como sempre hão de perder, ou pelo menos infelicitar, os desgraçados que se deixarem possuir de tão ruins paixões. Ou fosse por traçar uma fabrica muito superior aos meios de que dispunha, ou porque sobreviessem á sua casa commercial perdas com que não podesse, por se achar enfraquecida com tão avultadas despezas, o que é certo é que não logrou ver acabada a sua obra, tendo de a abandonar em meio da construcção por falta absoluta de dinheiro, sendo obrigado logo depois a vendel-a. E Deus, que poz o primeiro castigo dos vicios nos proprios vicios, castigou immediatamente o invejoso, permittindo que fosse Cosme de Médicis o comprador do seu palacio.

É sabido como esta poderosa familia conseguiu elevar-se do seu humilde berço até sentar-se em throno de soberano. Cosme de Médicis dominou em Florença como senhor, mas conservando as fórmas republicanas e as apparencias da liberdade. Porém os seus descendentes, embora representantes do poder popular, e combatendo ainda por algum tempo a prol da causa do povo, não tardaram a anniquilar aquelle poder pelos meios da corrupção, fundando sobre as suas ruinas o throno grã-ducal de Florença, em que os Médicis reinaram despoticamente até 1737.

D'este modo, o palacio Pitti, que até hoje tem conservado este nome em memoria do fundador, se viu, no decurso dos tempos, feito paço e assento da corte dos grã-duques de Florença e da Toscana da familia Médicis, que o concluiram e adornaram com grande

cópia de primores de arte; dos grã-duques da Toscana da casa de Lorraine, que n'elle accumularam novas preciosidades artisticas; e, finalmente, del-rei de Italia, Victor Manuel, que ahi acaba de fixar a sua residencia.

O palacio Pitti é uma vasta e magnifica habitação digna de um monarcha. Obra de differentes architectos e de diversas epochas, apresenta muitas faltas de harmonia na sua architectura. Todavia, considerando-o sob um aspecto geral, póde-se dizer que o seu estilo de architectura, chamada do renascimento, é severo, simples, e ao mesmo tempo magestoso.

Com este edificio, ainda que não existissem outros nas mesmas circunstancias, combate-se uma opinião erronea e muito geral. Prova-se com elle, de modo incontroverso, que não foi a tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, que determinou a introducção da architectura do renascimento das artes. O palacio Pitti foi começado algum tempo antes d'esta catastrophe. Porém outros edificios fundados muito anteriormente mostram que a grande revolução nas artes, que proscreveu o estilo gothico, creando outro novo sobre a base do estilo grego, ou classico, tivera principio na Italia um seculo antes da quéda do imperio do Oriente.

Aquella revolução foi um effeito da reacção das idéas contra o feudalismo, e contra os excessos do poder theocratico, representados, aquelle e estes, na architectura gothica, que os viu nascer e medrar, como na classica estão symbolisadas as liberdades da antiga Grecia. A expulsão dos sabios e dos artistas de Constantinopla não fez mais que dar novas forças á reacção moral, e apressar os passos da revolução artistica, na qual se iam estampando, como em espelho, as novas doutrinas sociaes apregoadas pelos philosophos.

Voltando ao palacio Pitti, diremos que o seu principal architecto, isto é, o que delineou o primeiro plano, executando-o em vida do fundador, foi Brunelleschi.

Não queremos fatigar os nossos leitores com a descripção de um edificio tão vasto, e desacompanhada de gravura que a auxilie. Entretanto, não podêmos deixar de fazer menção de duas preciosas collecções que elle encerra: a galeria de quadros e a bibliotheca.

Florença possue duas das mais celebres galerias de pintura que ha na Europa. São denominadas *galeria Médicis* e *galeria Pitti*. A primeira contém maior numero de paineis, porém a segunda não lhe é inferior em primores artisticos. Todas as escholas de pintura alli se acham dignamente representadas. Todos os grandes mestres d'essas diversas escholas tem alli em ostentosa exposição muitas das suas mais excellentes producções.

A bibliotheca conta uns quarenta e cinco mil volumes. Entre os seus numerosos manuscriptos vêem-se alguns de Machiavel, muitas cartas autographas de Galileo e de outros homens celebres, e varios sonetos e canções de Torquato Tasso, com muitas emendas, tudo do proprio punho do illustre cantor da *Jerusalem Libertada*.

Os jardins do palacio Pitti, mais conhecidos pelo nome popular de *jardins Boboli*, são muito extensos e formosos. Estão plantados no gosto dos jardins de Versalhes, em França; ou, para fallar com mais propriedade, serviram de modêlo aos do paço de Luiz XIV. Comtudo, o architecto francez Le Notre, que desenhou estes ultimos, foi muito menos feliz na imitação, do que o architecto italiano Buontalenti na creação dos primeiros.

Os jardins Boboli, embora traçados sob um systema de estudada regularidade, não apresentam a fria e monotona symetria dos jardins de Versalhes. Em contrário d'isto, ostentam mais variedade de feitios, dispostos para produzirem contrastes; mais diversidade de perspectivas encantadoras, e melhor combinação e mais gosto no modo por que se aproveitaram os accidentes do terreno.

Estes deliciosos jardins são adornados de construcções architectonicas de variado genero, e de outras obras de arte. Da sua elegancia e belleza poderá dar uma idéa o formoso lago que se vê retratado em a nossa gravura. Chamam-lhe *fonte do Oceano*, porque a estatua que o symbolisa coroa o repuxo, que é decorado por mais tres estatuas de rios. As quatro estatuas são de uma excellencia e perfeição artistica admiraveis.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARSENAES, FUNDIÇÕES, FABRICAS DE POLVORA

Como o arsenal de Veneza, outr'ora prenhe d'esses soberbos galeões que disputavam aos ottomanos o senhorio dos mares desde o Adriatico até aos Dardanellos, hoje ermo, e conservando apenas do que foi a grandeza monumental do edificio, com as suas estatuas de marmore, e o seu leão de S. Marcos; assim os arsenaes de Lisboa estão quasi reduzidos a servir de monumentos gloriosos de um poder que acabou!

O *arsenal da marinha*, principalmente, pelas proporções grandiosas do edificio, quadra bem pouco, hoje em dia, com a diminuta força da nossa esquadra.

Se dermos consideração ás excursões navaes de D. Fuas Roupinho, o esforçado alcaide-mór do castello de Porto de Moz, e primeiro navegador portuguez a quem a historia decorou com o pomposo titulo de almirante, poderemos dizer que a nossa marinha de guerra data da fundação da monarchia. E não se póde duvidar de que os nossos primeiros reis, desde D. Affonso Henriques, trataram, com mais ou menos resultado, de ter forças navaes para defensa das costas e portos do reino, e alguns as tiveram, mesmo até ao reinado de D. Pedro I, em que não figuravamos como potencia maritima; e taes as possuiram, que tomaram parte, e fizeram bons serviços, em guerras offensivas contra Castella e contra os moiros.

Entretanto, foi el-rei D. Diniz quem lançou os fundamentos ao poder maritimo de Portugal, mandando semear o grande pinhal de Leiria, que ainda é a principal matta do nosso paiz, e chamando de Italia para o seu serviço o almirante genovez, Manuel Pessanha, cujos descendentes lograram por muitos tempos esta dignidade, tendo-a nos reinados de D. Fernando I e de D. João I o celebre Lançarote Pessanha, de quem procedem as familias d'este appellido que ha no reino.

Todavia, se se quizer escrever a historia da nossa marinha de guerra desde a epocha em que começou a ter certa organisação e a ostentar uma força regular, dever-se-ha tomar por ponto de partida o reinado de D. Fernando I. Este soberano, mais conhecido pelas suas fraquezas e veleidades que por alguns bons actos do seu governo, foi o primeiro dos nossos reis que tratou seriamente de crear uma marinha de guerra, e de augmentar e fazer desenvolver a mercante. Para alcançar este fim, tão importante para a segurança e prosperidade dos seus estados, fundou um arsenal e estaleiros como o permittia a rudeza dos tempos, ou, para fallarmos com mais propriedade, o atrazo em que nos achavamos n'esta materia, em que outras nações, e sobre todas Genova e Veneza, apresentavam bastante desenvolvimento. Não se limitou, porém, D. Fernando á parte material. Secundou poderosamente este impulso publicando varias leis sobre mattas, construcções navaes da marinha mercante, privilegios e isenções dos constructores e armadores, tudo tendente

ao desenvolvimento e animação da navegação e commercio externo.

Aquelle arsenal, denominado *tercenas navaes*, foi o primeiro que houve em Lisboa e no reino digno de tal nome. Estava situado no local a que actualmente chamâmos *Ribeira Velha*, e que n'essa epocha era um terreiro muito vasto que se estendia por fóra da cêrca de muros da cidade, e banhado pelo Tejo. N'este sitio ha memoria de se construirem embarcações do estado em tempo del-rei D. Sancho II.

Pouco ou nada se gozou el-rei D. Fernando dos resultados d'este seu impulso, pois teve o desgosto de ver destroçadas as suas armadas pelas de Castella, sem que lhe fosse possivel restaural-as, que lh'o não consentiu a sua morte prematura.

Coube, porém, ao mestre de Aviz colher os fructos d'aquelle trabalho, em honra sua e gloria de Portugal, servindo-lhe elles de base e de incentivo para as heroicas emprezas de Africa.

As descobertas e conquistas d'este e dos seguintes reinados, dando maior incremento á marinha de guerra, trouxeram a necessidade de novos estaleiros. Governando el-rei D. Affonso V, começaram-se a construir navios na praia onde agora vemos o arsenal da marinha. Porém el-rei D. Manuel augmentou e deu uma fórma regular a este estabelecimento, em terreno roubado então ao Tejo, como o da praça do Terreiro do Paço, tambem feita pelo mesmo soberano em frente dos paços da Ribeira, que mandára edificar para sua residencia.

Construiu-lhe o dito soberano boas officinas e vastos armazens, bem providos de todo o necessario para o armamento e equipamento de numerosas armadas, e assim ficou desde essa epocha o principal arsenal de Lisboa e de todo o reino. Não era exclusivamente estabelecimento naval, pois que continha armazens de armas para o exercito. No reinado de D. Manuel, e de seu filho, D. João III, guardavam-se n'este deposito armamentos completos para 40:000 homens de infanteria e 3:000 de cavallaria, além de muitas peças de artilheria.

Ao principio tambem se chamou este arsenal *tercenas navaes;* depois deu-se-lhe o nome de *Ribeira das Naus*, que conservou até ao terremoto de 1755, que destruiu completamente todos os seus edificios. Esta denominação passou ao novo arsenal, que se edificou no mesmo logar do antigo, e é ainda hoje a que o povo dá de preferencia.

Os arsenaes do exercito não tem origem tão remota. Nos primeiros tempos da monarchia, quando se tratava de guerra, eram compostas as tropas, na maxima parte, dos vassallos dos senhores de terras, e de soldados pertencentes aos concelhos e villas, e por elles armados, recebendo soldo del-rei sómente durante a campanha.

Todos os senhores de terras tinham nos seus castellos ou residencias casas de armas. Porém não podiam dispor d'ellas, isto é, alienal-as, porque haviam de passar, por sua morte, á pessoa que lhe succedesse no mesmo senhorio, ou por direito de successão, ou por nova nomeação del-rei.

Esta organisação militar tornava desnecessarios os grandes depositos de armas propriamente do estado. Para o pequeno numero de soldados que eram armados e equipados por conta do governo, havia alguns castellos da coroa, como, entre outros, o castello de Estremoz, e nos logares de residencia da corte, depositos de armas. Consistiam estas, n'essa epocha, em lanças, que eram as armas propriamente da cavallaria, mas que serviam tambem á infanteria; piques, béstas, dardos, fundas, virotões, e outras armas de arremesso.

Modificou-se esta organisação com as emprezas de além-mar. El-rei D. João I, para occorrer ás necessidades das suas expedições de Africa, organisou um grande armazem de armas, porém não era mais do que um deposito, pois não tinha officinas. Então, e até esse tempo, fabricavam-se as armas nas officinas particulares de alfagemes, que havia em diversas povoações do reino.

Foi n'este reinado que se creou a primeira fundição de canhões, estando ainda recente a introducção da artilheria n'este paiz. D'ahi por diante foram-se augmentando e aperfeiçoando estes estabelecimentos.

El-rei D. Manuel fundou uma officina de armas em Barcarena, para a qual mandou vir mestres de Biscaya. Ordenou ao mesmo tempo que houvesse em determinadas cidades e villas officiaes de fazer armas, pagos pelos concelhos; e construiu junto aos seus paços da Ribeira os armazens de armas de que acima fallámos.

Edificou tambem este soberano as *tercenas da Porta da Cruz*, e de *Cata que Farás*, com officinas de armas e fundição de artilheria; e uma fabrica de polvora, que depois se mudou para a ribeira de Alcantara, e mais tarde para a de Barcarena.

Nos seguintes reinados de D. João III e de D. Sebastião melhoraram-se muito estes arsenaes; porém, no tempo da usurpação dos Filippes, caíram, como todo o paiz, em bastante decadencia.

Com a restauração de 1640 tiveram nova vida, e, durante os vinte e sete annos de guerra com a Hespanha, introduziram-se n'elles muitas reformas e aperfeiçoamentos, que progrediram nos reinados de D. João V e de D. José I com tal impulso e tão bom acerto, que, sob o governo d'este ultimo soberano, estavam os nossos arsenaes a par dos melhores da Europa. Do estado de aperfeiçoamento a que então chegaram as suas officinas dão publico testimunho a estatua equestre del-rei D. José, algumas obras em bronze de primoroso lavor que ornam a soberba basilica de Mafra, e muitas armas e canhões guarnecidos de excellentes esculpturas, que se conservam no pateo da *fundição do Campo de Santa Clara.*

Á frente dos individuos que mais concorreram para este resultado devemos collocar o tenente general Bartholomeu da Costa, que foi quem dirigiu a fundição da estatua equestre.

As *tercenas da Porta da Cruz* occupavam o logar em que vemos agora a *fundição de Baixo*. Das *tercenas de Cata que Farás* restam apenas, uma parte do *forte de S. Paulo*, dependencia sua, e que ainda está servindo de deposito de artilheria; e o nome d'ellas, corrompido no de *Catefarás*, em uma travéssa que communica do largo do Stefens para a rua do Alecrim.

Desde aquella epocha até á actualidade tem sido feitas muitas reformas no arsenal do exercito, umas tendentes a melhorar os edificios e a arrecadação do trem; outras relativas ao aperfeiçoamento das artes que já alli se empregavam anteriormente, e á introducção de novas; estabelecendo-se nas suas officinas varias machinas, com que muito se tem simplificado e aperfeiçoado os trabalhos.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

O FOGO

(Vid. pag. 135)

III

COMBUSTÃO

Já conhecemos o que é o fogo; vejamos agora como se produz. É pela combustão que geralmente produzimos o fogo para os nossos usos domesticos, e para alimentar o grande numero de industrias que directamente d'elle precisam. É, pois, a combustão um phe-

nomeno que se reproduz a cada instante nos nossos lares domesticos, e que é conhecido desde a mais remota antiguidade. Mas nem por isso datam de muitos annos os conhecimentos exactos que possuimos sobre o que se passa na combustão. Por longos seculos tal phenomeno esteve envolvido nas trevas da ignorancia; talvez mesmo que poucos phenomenos ficassem tanto tempo inexplicaveis como este.

Não nos demoraremos em citar as diversas hypotheses imaginadas successivamente para explicar o phenomeno da combustão, desde os antigos alchimicos, que consideravam a combustão devida a uma substancia particular que chamavam fogo, e que tinha a faculdade de devorar certos corpos, e de os transformar na sua propria substancia, até á celebre theoria do phlogistico, proposta em 1700 por Becher, que admittia que todas as substancias combustiveis tinham uma substancia particular denominada phlogistico, que d'ellas se separava na occasião da combustão. Todas estas diversas theorias caíram perante as investigações do genio do celebre chimico francez Lavoisier, que, no meio das convulsões que agitavam a sociedade franceza durante a revolução de que foi victima, no fim do seculo passado, fez marchar a chimica a passos agigantados, podendo considerar-se como o inaugurador da moderna chimica. Citado perante o tribunal revolucionario por ter sido rendeiro do estado, Lavoisier foi executado a 8 de maio de 1794, apesar dos esforços dos seus amigos, e dos grandes serviços que tinha prestado!

Hoje sabemos que a combustão é toda a combinação chimica em que ha desenvolvimento de calor e luz. Chamâmos combinação chimica á combinação ou união das moleculas de dois ou mais corpos entre si, dando origem á formação de um corpo de propriedades completamente diversas d'aquellas que possuem os primeiros. Na maior parte das combustões, os corpos que ardem combinam-se com o oxygeneo, gaz que existe no ar. O gaz oxygeneo, misturado com o gaz azote nas proporções de 21 para 79 proximamente, constitue o ar atmospherico. Quando, por exemplo, o carvão arde no ar livre, combina-se com o gaz oxygeneo do ar, e fórma um gaz denominado acido carbonico, e esta combinação é acompanhada de desenvolvimento de calor e luz, e, portanto, produz-se o fogo. Quando o gaz hydrogeneo arde no ar, combina-se com o oxygeneo, forma-se a agua que apparece no estado de vapor, e desenvolve-se calor e luz. Quando o phosphoro se queima ao ar livre, combina-se com o oxygeneo, formando o acido phosphorico, com desenvolvimento de luz e calor, etc. Se estas combustões, em logar de se fazerem no ar, se fizerem no oxygeneo puro, a vivacidade da acção chimica será muito maior, porque a presença do azote no ar modera a acção do oxygeneo. Assim, se introduzirmos n'um frasco de vidro, cheio de gaz oxygeneo sécco e puro, fragmentos de phosphoro, ou enxofre, ou uma espiral de fio de ferro, etc., tendo apenas um ponto em ignição, veremos as combustões activarem-se immensamente, produzindo-se um fogo muito intenso e brilhante.



Fig. 5 — Combustão do ferro no gaz oxygeneo

Posto que na maior parte das combustões seja o oxygeneo que se combina com os corpos que ardem, comtudo, póde haver combustões sem oxygeneo; assim, se dentro de um frasco de vidro, contendo o gaz chloro, deitarmos antimonio em pó, veremos este arder immediatamente, combinando-se com o chloro, e desenvolvendo calor e luz.

Do que deixâmos dito se deprehende, que para alimentar a combustão de um corpo é geralmente preciso fornecer-lhe ar; além d'isso, os productos da combustão, em geral, não a entretem, como é, por exemplo, o acido carbonico; é preciso, pois, expulsal-os para fóra do recinto da combustão; é para obter estes dois resultados que se empregam as chaminés. São as chaminés (fig. 6) uns canaes (C) abertos nas extremidades, que se collocam sobre o logar (F) onde se produz a combustão; pelo calor que esta desenvolve, o ar no interior da chaminé dilata-se, torna-se mais leve e sóbe, d'onde resulta uma diminuição de pressão, e, por consequencia, o ar exterior ahi entra por baixo, atravessando o combustivel e alimentando a combustão; ao mesmo tempo, o ar queñte que sóbe pelo interior da chaminé leva comsigo os productos da combustão, assim como o fumo, que é materia em grande estado de divisão, e, portanto, muito leve, que escapou á combustão. Chama-se *tiragem* este movimento do ar nas chaminés; a tiragem é tanto mais forte, isto é, o movimento dos gazes nas chaminés é tanto mais rapido, quanto mais altas estas são.

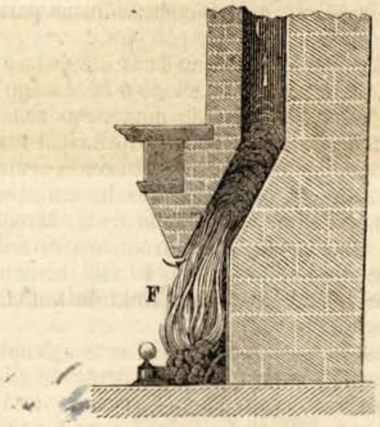


Fig. 6 — Tiragem das chaminés

A maior parte dos combustiveis que se empregam nas industrias e nos usos domesticos compõe-se principalmente de carboneo, hydrogeneo, e diversas substancias solidas que não ardem, e que constituem as cinzas; o carboneo, pela combustão, produz acido carbonico; e o hydrogeneo produz vapor de agua. Os combustiveis collocam-se sobre grelhas, por cujos intervallos caem as cinzas para o cinzeiro, e entra o ar para alimentar a combustão. Quando os combustiveis só contém carboneo e hydrogeneo, não ha cinzas, ardem completamente; tal é a cera, a estearina, etc.

(Continúa) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

THEMAS CLASSICOS

Caio Mario, com ser filho de Mario e Fulcina, pobres officiaes mecanicos, não deixou de ser o primeiro dos romanos que teve sete vezes o consulado, todas com grande applauso. Foi de tão singular esforço e generosidade de animo, que sendo perguntado Scipião qual do seu exercito lhe havia de succeder no mando, respondeu: «Este póde ser que me succeda» — dizendo-o por Mario, que n'aquelle tempo era mui moço, porém conhecia n'elle, pelos bons principios que mostrava, que mandaria a todos, e que não sería mandado de outro. A. FERREIRA DE VERA.